

Em confrontos armados os meios tradicionais de treinamento não irão funcionar. Entenda como minimizar os efeitos do estresse e aumentar a efetividade – Método TPM.G.

Diferentemente do que ocorre em ambientes controlados, o desempenho de tiro em confrontos armados sofre uma degradação relevante. O elevado estresse causado pela resposta fisiológica de luta ou fuga pode incluir alterações fisiológicas e psicológicas tais como: redução da capacidade cognitiva e das habilidades motoras finas, perda de consciência situacional, alterações perceptivas e visão de túnel, dentre outras. Essas condições maximizam as chances de equívocos na tomada de decisão, o que consequentemente interfere na qualidade dos disparos durante os confrontos reais.

No início da década de 90 tive meu primeiro contato com armas de fogo no Exército Brasileiro. Dentre aproximadamente 100 recrutas da companhia, somente três conseguimos acertar os disparos já na primeira tentativa. Não porque éramos bons, mas simplesmente porque ouvimos e executamos as orientações do instrutor de tiro. Com o tempo consegui autonomia e autocorreção dos meus disparos.

Em 1992, ao ingressar nos quadros da Polícia Militar de Minas Gerais tive a oportunidade de conhecer policiais que sobreviveram a confrontos armados e sempre que podia os entrevistava. Fazia naquela época o que hoje conhecemos como estudos de caso, de forma empírica, sem nenhuma metodologia nem registro dos dados. Meus questionamentos eram sobre os fundamentos de tiro e os efeitos do estresse no confronto armado com o intuito de treinar mais próximo da realidade. Desde então percebi que nosso treinamento não nos preparava para os confrontos reais, pois constatei que:

- Nos confrontos reais, os policiais não utilizavam o aparelho de pontaria;
- Normalmente estavam com os dois olhos abertos e às vezes com os dois olhos fechados;
- Não executavam o tiro visado (fechando um olho), consequentemente não conseguiam focar na maça de mira, como preconizado;

- Não faziam uma boa postura (base), pois estavam se protegendo atrás de um abrigo ou estavam em movimento;
- Não conseguiam fazer o controle do gatilho, acionavam com muita força e mais vezes que a quantidade de munição (no caso do revólver);
- A cadência de disparos era muito superior àquela treinada nos estandes;
- Mesmo os bons atiradores em alvos estáticos, tinham a proficiência drasticamente reduzida nos confrontos.

Constatedei então que meu treinamento deveria evoluir, pois em resumo, em confrontos reais normalmente atiramos sem mirar, com os dois olhos abertos, em posturas não ortodoxas, com uma cadência de disparos superior àquela treinada nos estandes e sem o controle adequado do gatilho.

Já sabia atirar em alvos estáticos, fazendo visada, pois bastava seguir as orientações dos instrutores em relação aos fundamentos de tiro. Como adquiri autonomia e autocorreção nos meus disparos decidi tentar atirar sem fechar um olho e, desde então, venho treinando com os dois olhos abertos, mesmo para tiros visados.

Já em 1994, como especialista em armamento e instrutor de tiro pela PMMG, comecei a estudar as diferentes plataformas e ergonomia das armas de porte, assim consegui desenvolver uma técnica própria: uma forma de empunhar a arma instintivamente, apontando para o alvo sem a necessidade de utilizar o aparelho de pontaria e ainda controlar o recuo da arma em múltiplos disparos, independentemente se a arma está na altura dos olhos (linha de visada). Faltava ainda controlar o acionamento do gatilho, o que consegui posteriormente com o estudo do reset do gatilho.

Até pouco tempo tínhamos a ideia de que a qualificação para uso da arma de fogo em confrontos reais fosse auferida apenas através da proficiência de tiro diante de alvos estáticos em ambientes controlados. Atualmente alguns dados sugerem que somente a retenção de habilidades motoras não é suficiente para lidar com a complexa realidade dos combates.

Embora o tema ainda ser muito escasso na literatura científica nacional carece de maior destaque e aprofundamento. Por compreender essa lacuna serão utilizadas as estatísticas

envolvendo policiais em confrontos armados e o treinamento de tiro tradicional para embasar esse artigo.

O confronto armado é classificado como o pior evento no qual um profissional de segurança pode participar, levando-se em conta aspectos fisiológicos, psicológicos, legais, doutrinários e administrativos (LIMA, 2009).

Quanto ao aprendizado motor, DI NOTA e HUHTA (2019) afirmam que os operadores de segurança pública estão sujeitos aos mesmos processos neurofisiológicos que os especialistas em outras áreas quando estão passando do aprendizado de habilidades iniciais para a alta proficiência. Todavia, a grande diferença entre policiais e outros indivíduos, é em relação ao momento do emprego das técnicas aprendidas, pois os policiais quase sempre terão que fazer uso sob alto estresse. E sob estresse, como diante de uma troca de tiros, há o desencadeamento de processos fisiológicos, que são denominados de resposta de luta ou fuga, que na prática é um ato de sobrevivência instintivo, que ocasiona uma série de alterações neurológicas, neuroendócrinas e comportamentais (ANDERSEN et al 2018; ANDERSEN e GUSTAFSBERG, 2016).

Olson (1998) afirma que no momento do elevado estresse, o uso incorreto de armas de fogo durante a atividade policial está associado à falta de consciência situacional, pois gera uma excitação fisiológica extrema que faz com que um agente olhe na direção de uma ameaça, mas não veja ou codifique o que está acontecendo, levado até a acionar o gatilho de uma arma vazia por diversas vezes, não ver outras pessoas em sua “linha de tiro”, ou confundir objetos comuns como se fossem armas.

EFETIVIDADE EM CONFRONTOS:

Sob elevado estresse há o desencadeamento de processos fisiológicos, denominado de resposta de luta ou fuga, que na prática é um ato de sobrevivência instintivo, que ocasiona uma série de alterações neurológicas, neuroendócrinas e comportamentais. As respostas fisiológicas e psicológicas ao estresse podem influenciar de forma decisiva na tomada de decisão. Quando expostos à situações que elevam o estresse, como por exemplo, se opor a um agressor atirando de volta, os policiais agem mais rápido, no entanto, são menos precisos. Existem estatísticas que demonstram que durante um confronto, diante de todo o

estresse e mudanças fisiológicas, o percentual de acertos com os disparos é de menos de 50% (MORRISON e VILA, 1998). Deixando evidente que o comportamento dos policiais se torna menos eficaz quando esses estão perante uma situação de estresse elevado, e isso se traduz consequentemente numa diminuição relevante do desempenho (NIEUWENHUYNS e OUDEJANS, 2011, ANDERSEN e GUSTAFSBERG, 2016).

Em um estudo que analisou 113 confrontos com arma de fogo, constatou-se que em 82% dos casos os policiais experimentaram distorção auditiva no momento da ação. E que em 52% dos episódios os operadores apresentaram a distorção sensorial definida como “visão de túnel”. Além de distorção do tempo, na qual os policiais experimentaram câmera lenta em 56% dos tiroteios. E em 75% dos casos, os policiais relataram ter experimentado mais de duas distorções de forma simultânea enquanto atiravam (Klinger & Brunson, 2009). Somase a isso, o fato de que há evidências de que durante um evento crítico um policial pode ter sua visão comprometida em pelo menos 70%, e que a dilatação da pupila ocasionada pela excitação do Sistema Nervoso Simpático diminui o alcance da visão para objetos próximos, a cerca de 1,2 metro, além de interferir no controle do olho diretor (utilizado para o tiro visado/precisão), que por conseguinte acaba prejudicando a possibilidade de se focar no aparelho de pontaria do armamento, o que torna ainda mais complexo o resultado de um confronto armado (ANDERSEN e GUSTAFSBERG, 2016; KLINGER e BRUNSON, 2009)

ROSTKER et al (2008), fizeram um estudo analisando os relatórios de confrontos armados envolvendo policiais do Departamento de Polícia de Nova York (NYPD), de 1998 a 2006 e verificaram que em tiroteios a taxa média de acertos dos disparos policiais foi de 18%, e em casos que os indivíduos não chegaram a atirar de volta, essa taxa média de acertos foi de 30%. Ou seja, existe uma grande diferença entre atirar “em” e atirar “contra”. Já em uma pesquisa mais recente, realizada por Nieuwenhuys e Oudejans (2011), ficou comprovado que o percentual de acertos dos disparos caem cerca de 90%, quando policiais são testados diante de situações que simulam confrontos com armas de fogo.

Em um estudo recente do próprio FBI, ("Violent Encounters: A Study of Felonious Assaults on Our Nation's Law Enforcement Officers.") com mais de 800 incidentes, dentre várias constatações, consolidaram cientificamente o seguinte:

1. 98% dos policiais que sobreviveram disseram não ter utilizado o aparelho de pontaria da arma durante o confronto.

2. Muitos eram atiradores precisos em alvos de papel no estande, mas praticavam treinamentos inadequados.

3. Menos de 30% chegaram a disparar e apenas cerca de 10% conseguiram acertar seus agressores, sendo que no máximo 3% dos casos, os agressores foram neutralizados.

4. 85% dos confrontos armados acontecem em no máximo seis metros, em um tempo médio de três segundos e são disparados mais de dez tiros.

5. A cada seis tiros que são efetuados durante o confronto, somente um projétil acerta o corpo do oponente, mas na maioria dos casos não neutralizam o agressor.

6. 84% dos tiros disparados no confronto armado, não atingem nem de raspão os alvos desejados. Apenas 8% causam ferimentos ou morte, os outros 8% restantes não causam danos de acordo com a realidade do fato.

7. Cerca de 20% dos indivíduos atingidos por um único disparo em áreas vitais não sofrem incapacitação instantânea. Cerca de 13% deles resistem conscientemente por até 3 minutos, e 7% resistem por mais tempo.

8. Aproximadamente 80% dos casos de confrontos armados foram vencidos por quem atirou primeiro.

POR QUE O TRADICIONAL FALHA TANTO?

Alguns autores afirmam que a retenção de habilidades motoras por si só não é suficiente para lidar com a complexa realidade do confronto policial. Agentes da lei devem estar preparados para situações que exijam além da competência motora básica, sendo capazes de avaliar e compreender o melhor momento para disparar suas armas de forma a que possam minimizar danos colaterais, mesmo quando diante de situações complexas (OLSON, 1998; MORRISON e VILA, 1998; NIEUWENHUYNS e OUDEJANS, 2011; DI NOTA e HUHTA, 2019).

Desde 1998, Olson já questionava os métodos de treinos utilizados para preparar policiais para o uso da arma de fogo. Segundo o autor, os treinamentos que eram conduzidos em ambiente não ameaçador e de baixo estresse e com alvos estáticos, eram abordagens ineficazes, pois não preparava o policial adequadamente para encontros mortais, nos quais os policiais estariam expostos a uma reação em cadeia do aumento do estresse, que potencializava uma série de reações fisiológicas, ocasionando a degradação de alguns sentidos e também do desempenho com arma de fogo. Também na mesma época, Morrison e Vila (1998) enfatizavam que a qualificação de policiais para o uso da arma de fogo, que no período era averiguada com um teste de proficiência de tiro em uma determinada quantidade de alvos fixos, com distância e sequências bem definidas, não avaliava a capacidade de profissionais atuarem em tiroteios.

A concentração dos disparos é outro fator a ser observado. Ela permite que o instrutor dê um diagnóstico ao aluno sobre os fundamentos de tiro, mas deve ser buscada principalmente nas fases iniciais do treinamento. Após entender e executar os fundamentos com maestria devemos evoluir.

No modelo atual valorizamos muito a concentração dos disparos, talvez pela influência do tiro esportivo, onde a meta é ser o primeiro e ganhar um prêmio. Entretanto devemos entender que em um confronto armado, o objetivo não é “ganhar algo”, mas sim “não perder”, no caso, não perder a nossa vida. A preocupação maior deveria ser acertar o oponente, em qualquer lugar do corpo, o mais rápido possível, quebrando o ciclo OODA(1) do agressor e posteriormente continuar disparando até conseguir a neutralização da ameaça. Além disso, a dispersão dos disparos no alvo trariam uma incapacitação mais rápida, pois abriria mais “torneiras” causando o choque hipovolêmico.

Ao analisarmos os dados podemos concluir que o treinamento atualmente praticado nas academias e nos cursos são inadequados para preparar o operador para o confronto real. O treinamento para segurança e defesa, além de prever treinamento com estímulos estressores, levando em conta principalmente as questões fisiológicas decorrentes de situações de alto estresse, deve ainda preparar e permitir:

- Atirar sem fazer visada, preferencialmente com os dois olhos abertos;
- Apontar a arma e atirar sem a necessidade do uso do aparelho de pontaria;
- Efetuar o primeiro disparo o mais rápido possível;

- Atirar repetidamente com maior velocidade e maior precisão;

Considerando que a maioria dos confrontos ocorrem sem o uso do aparelho de pontaria, na grande maioria dos casos até seis metros de distância, em um tempo médio de três segundos e com mais de dez disparos, desenvolvi o treinamento de tiro instintivo, método que denomino TPM.G, utilizando pistolas, pela capacidade e ergometria possibilitando uma empunhadura instintiva, permitindo maior efetividade nos disparos, ainda que com a arma abaixo da linha de visada.

TPM.G (acrônimo para: Torção, Pressão, Massa e Gatilho), criado para permitir que o operador se lembre das etapas necessárias para se realizar um disparo com a empunhadura instintiva e controlar o recuo da arma em múltiplos disparos, mesmo se movimentando de forma rápida em busca de abrigo, mesmo sem uma postura ideal.

O treinamento com o método TPM.G pode minimizar os efeitos do estresse no confronto armado, pois permite que o operador treine mais próximo do que sentirá e executará quando sob elevado estresse, atirando naturalmente, com maior controle de si mesmo e do ambiente. Permite ainda que possa realizar esses disparos a qualquer tempo e não somente quando for passar por avaliações, onde precisa treinar repetidas vezes para ser aprovado.

O treinamento consiste em:

- Atirar com os dois olhos abertos – Permite a rápida identificação do agressor, o monitoramento do ambiente, favorece a visão periférica e a consciência situacional;
- Empunhadura instintiva – Dispensa o uso do aparelho de pontaria, apontando para o alvo naturalmente e possibilitando um maior controle da arma em disparos múltiplos;
- Consciência Situacional – Percepção precisa do ambiente, permitindo a compreensão e identificação dos elementos envolvidos e a consequente projeção dos cenários possíveis.
- Frequência de disparos – Cada atirador tem sua frequência, permite entender a estreita relação entre velocidade e precisão.
- Autonomia e autocorreção – O atirador deve ter a capacidade de analisar seus disparos, se corrigir e aprender com seus erros.

São técnicas desenvolvidas e baseadas em estudos de caso e entrevistas com policiais que se envolveram em confrontos armados. Estudos que realizei desde 1992 e ainda mais intensamente após 1994, quando iniciei na instrução de tiro. Técnicas estudadas, adaptadas, testadas e que uso em meus treinamentos. Reduzi os fundamentos de tiro para 3 (três) num primeiro momento, e posteriormente para somente 2 (dois) fundamentos. Além disso, trata-se de uma completa mudança de como vemos o treinamento defensivo e promove a quebra de paradigmas.

Alguns instrutores preconizam que, para se realizar um tiro instintivo, basta indexar os quadris e levar a arma até a altura dos olhos. Esta técnica pode até funcionar em alvos estáticos, com o atirador parado, de frente para o alvo e em um ambiente controlado, mas o problema da proficiência persiste, pois em confrontos reais, tanto o atirador quanto o agressor estão em movimento, atirando por vezes somente com uma das mãos, sob elevado estresse e correndo risco de morte.

O operador pode e deve se utilizar de todas as ferramentas disponíveis para vencer um confronto. Indexar os quadris ou qualquer outra técnica não exclui o treinamento instintivo com o método TPM.G que tem o intuito de complementar o treinamento e minimizar os efeitos fisiológicos do estresse além de possibilitar um melhor aproveitamento dos disparos.

Por último, caro leitor, após o que foi exposto e demonstrado acerca do treinamento tradicional, dos efeitos do estresse e conseqüentemente da eficiência nos confrontos armados, deixo aqui uma pergunta: Já se imaginou atirando naturalmente (instintivamente), mais rápido, sem a necessidade de alinhar o aparelho de pontaria, com os dois olhos abertos (e até com os dois fechados), se deslocando rapidamente e, ainda assim, com maior efetividade nos disparos? Sonho, lógico que não. Basta procurar o caminho certo.

Autor:

Ubirajara Pereira Coelho.

Especialista de armamento munição e tiro pela Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) onde trabalhou por 18 anos, sendo 15, como instrutor de tiro.

Trabalhou na Justiça Federal como Agente de Segurança Judiciária, onde fez cursos na área de segurança de autoridades e escoltas.

Atualmente pertence ao quadro de Instrutores de Tiro da Polícia Rodoviária Federal (PRF).

Referências:

(1) Ciclo OODA acrônimo que quer dizer Observar, Orientar, Decidir e Agir. Criado John Boyd um Coronel da Força Aérea Norte Americana que desenvolveu esse modelo para a tomada de decisão.

Andersen JP, Di Nota PM, Beston B, Boychuk EC, Gustafsberg H, Poplawski S, Arpaia J. Reducing Lethal Force Errors by Modulating Police Physiology. *J Occup Environ Med.* (2018) Oct;60 (10):867-874. doi: 10.1097/JOM.0000000000001401. PMID: 30020222; PMCID: PMC6200377.

Andersen JP, Gustafsberg H. A Training Method to Improve Police Use of Force Decision Making: A Randomized Controlled Trial. *SAGE Open.* April (2016) doi:[10.1177/2158244016638708](https://doi.org/10.1177/2158244016638708)

Di Nota, P. M., & Huhta, J.-M. (2019). *Complex Motor Learning and Police Training: Applied, Cognitive, and Clinical Perspectives.* *Frontiers in Psychology*, 10. doi:10.3389/fpsyg.2019.01797

Klinger, D. A., & Brunson, R. K. (2009). *Police officers' perceptual distortions during lethal force situations: Informing the reasonableness standard.* *Criminology & Public Policy*, 8(1), 117–140. doi:10.1111/j.1745-9133.2009.00537.x

LIMA, João Cavalim de. *Atividade policial e confronto armado.* 14ª edição. Curitiba: Juruá, 2009

Nieuwenhuys A, Oudejans RR. Training with anxiety: short- and long-term effects on police officers' shooting behavior under pressure. *Cogn Process.* (2011) Aug;12(3):277-88. doi: 10.1007/s10339-011-0396-x. Epub 2011 Mar 24. PMID: 21431863; PMCID: PMC3142543.

Oudejans, R. R. D. (2008). *Reality-based practice under pressure improves handgun shooting performance of police officers.* *Ergonomics*, 51(3), 261–273. doi:10.1080/00140130701577435